

A televisão e a educação

RUY NUNES

Sobre o tema "A televisão e a educação" podem formular-se, inicialmente, três perguntas: 1) A televisão educa? 2) A televisão pode substituir a escola? 3) A escola pode servir-se da televisão? Quanto à primeira



questão, cumpre considerar que, do ponto de vista do ensino, como observa acertadamente Herbert Johnston, na obra *A Philosophy of Education*, o termo educação envolve o trabalho de sociedades, tirante a escola, que influenciam os seus membros e outras pessoas. As principais agências educacionais desta espécie são a Família, o Estado e a Igreja, as três sociedades humanas fundamentais. Existem, porém, muitas outras que adentram, também, o campo da educação, enquanto se esforçam deliberadamente para influenciar e formar as idéias e as atitudes de seus membros e de outras pessoas, tal como os grupos profissionais de todas as espécies, os sindicatos, os clubes culturais e esportivos etc.

Muito embora a televisão não seja uma sociedade, uma instituição como os grupos enumerados, ela é, entre nós, uma organização comercial com fins lucrativos que propicia informações e divertimentos e que, pela sua natureza, tende a influir na conduta dos seus aficionados, e a lhes formar ou deformar as idéias e as atitudes. Sim, é isso mesmo, a formar e a deformar, uma vez que a educação pode conduzir o homem a bons ou maus objetivos, à busca do conhecimento e a prática do bem ou à busca do conhecimento e a prática do mal. Por isso, à primeira pergunta pode responder-se que a televisão, sem constituir uma agência educacional propriamente dita, pode influir na conduta e, desse modo, ajudar ou prejudicar a formação do homem.

Quanto à segunda questão, a resposta incisiva é: não! A escola é uma agência específica de educação, destinada primordialmente às crianças e aos jovens, com a graduação dos níveis de ensino, currículos adequados, métodos especiais, critérios da avaliação, ambiente propício ao estudo, disciplina, e o aparato de bibliotecas, laboratórios, campos esportivos etc. E, o que é mais, uma agência sui generis em que o ensino e a aprendizagem dependem do bom relacionamento entre alunos e mestres, da comunicação vital de pessoa para pessoa. A empresa televisiva não é nada disso, e nunca o será. Ela pode colaborar com a escola, proporcionando aos telespectadores filmes educativos, belas e úteis ilustrações para o ensino das ciências, das letras, da história, da geografia e das artes. Aliás, do ponto de vista do ensino da língua pátria, a influência da televisão em toda parte, e particularmente no Brasil, tem sido deletéria, por abastardá-la propositalmente, sobre difundir entre os jovens trejeitos grosseiros e péssimos padrões de conduta.

Pensou-se, algum tempo, que a televisão pudesse recompor as desvantagens culturais devidas às diferenças de ambiente, e ensinar às crianças de famílias pobres e desprovidas de cultura os estímulos necessários a um avanço ulterior, um ou dois anos mais tarde, para aproveitarem plenamente a escola. Essa legítima esperança, diz Piveteau no livro *O Êxtase da Televisão*, foi a origem do programa *Sesame Street*. Vários anos após o seu início, no entanto, as avaliações feitas na Inglaterra e nos Estados Unidos revelaram duas realidades dolorosas. A primeira é que esse esforço não preencheu nem reduziu o fosso entre as crianças pertencentes aos meios culturalmente ricos e pobres. Ao contrário, o fosso alargou-se, ou seja, a televisão beneficia aqueles que já estão predispostos à atividade intelectual e, muito menos, os outros. Em segundo lugar, a televisão não consegue facilitar a entrada no meio escolar de crianças culturalmente inferiorizadas. A tentativa televisiva visava a ensinar divertindo e a prepa-

rar para a leitura. O resultado foi que o programa divertia muito, mas não instrua as crianças no sentido escolar, sobre concorrer para impedir o gosto da leitura.

Por fim, pode a escola servir-se da televisão? Claro que pode, quando esta secundar os propósitos dela. Certos programas podem vir a ser instigantes da curiosidade infanto-juvenil, e os filmes históricos e informativos abrem, sem dúvida, o espírito do aluno e preparam-no para a recepção de uma boa explicação escolar. Note-se que há um grau do ensino e do aprendizado, que se reduz ao nível da informação que um estudante bem orientado pode até mesmo colher por si próprio nos livros, nas revistas, nos jornais e nos filmes. Há, porém, uma instância especial do ensino escolar que só a presença do professor e a sua interação com o aluno conduzem a bons resultados. Em todo o aprendizado, há momentos e situações em que as relações de causa e efeito, de avaliação das consequências, das razões, dos exemplos, das exceções, só se impõem à inteligência do aprendiz com o auxílio essencial das explicações dos mestres.

O bombardeio de imagens promovido pela televisão jamais se equipara à explicação, à demonstração, à prova, que o professor fornece. Quando certas estações promovem programas educacionais, estes consistem, sobretudo, em cursos de tipo escolar, em aulas filmadas que podem ser mais fastidiosas e menos eficazes que a classe real, com a presença viva e atuante de professores e alunos, embora elas possam ser de interesse e utilidade para muitos adultos. Como diz Piveteau, a televisão não chega a despertar o intelecto produtivo, raciocinante. Pode estimular, sem conduzir e sem levar a bom termo o telespectador passivo e despreparado. Ela pertence à categoria das viagens organizadas e de que tanto se escarnece: "Dez países em seis dias". Na volta nada se viu, nada se compreendeu, mas pode-se falar de tudo.

Ruy Nunes é professor da Universidade de São Paulo.